

# CIRCULAR INTERNA

(para discussão em toda a organização)

## INDICE

- 1 - INTRODUÇÃO
- 2 - PROGRAMA ASSOCIATIVO
- 3 - OS ERROS COMETIDOS
- 4 - CARACTERIZAÇÃO DA MASSA ESTUDANTIL
- 5 - PERSPECTIVAS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO - PAPEL DOS ESTUDANTES
- 6 - BREVE ANÁLISE DA ACTUAÇÃO DOS ESQUERDISTAS EM RELAÇÃO À DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO
- 7 - AS NOSSAS PROPOSTAS
  - A) A ASSOCIAÇÃO
  - B) TRABALHO NOS CURSOS
  - C) REVOLUÇÃO CULTURAL
- 8 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DA ORGANIZAÇÃO



WEC

COIMBRA/JUNHO/75

## 1 - INTRODUÇÃO

Tem constatado a Direcção Regional a falta de discussão na organização das nossas tarefas no âmbito da A.A.C., bem como das nossas perspectivas de trabalho nas escolas.

Frequentemente tem acontecido as discussões processarem-se só a nível dos organismos superiores, o que leva a que nem sempre os nossos camaradas tenham uma actuação enérgica e pronta face aos problemas que se levantam nas Faculdades.

Num momento em que desenvolvemos grandes esforços através da A.A.C. em colaboração com as Comissões de Gestão para ligar o ensino à vida e trazer os estudantes para fora das escolas ligando-os ao processo revolucionário, terá que ser a nossa organização como um todo a impulsionar este processo.

Destina-se este texto a lançar luz sobre uma discussão que urge fazer para que a organização acompanhe com espírito de intervenção e coesão as tarefas que se nos colocam em todos os domínios da vida associativa.

## 2 - PROGRAMA ASSOCIATIVO

O Programa Associativo aprovado pelos estudantes de Coimbra afirma em determinado passo: "A falta de perspectivas na efectivação de profundas transformações do ensino e na escola, é aliás, também fruto daquela debilidade organizativa que impede tanto a tomada de consciência do grau de importância das tarefas a desempenhar como a definição colectiva pelos estudantes dos meios de acção que lhes permitam contribuir para a resolução das principais questões ligadas à democratização da escola". É mais à frente: "A existência de organizações a todos os níveis de decisão desde os cursos e as Faculdades até à Academia em geral, que se dividem pelas tarefas de gestão, de transformações do ensino e de ligação à Associação virá responder a todas as necessidades em cada momento e permitir que os estudantes retomem o seu papel de interveniente organizado progressista em todas as questões da vida nacional....."

- A apreciação das afirmações desenvolvidas por nós e aprovadas pelos estudantes há alguns meses atrás suscita algumas considerações que exporemos a seguir. Por outro lado, a visão que temos hoje destes problemas obriga-nos a modificar no essencial as nossas perspectivas de trabalho. Quais são essas perspectivas? O que é a A.A.C. hoje? Quais as nossas tarefas?

- São estes os temas que procuraremos abordar neste texto.

## 3 - OS ERROS COMETIDOS

Pensamos que os erros radicam nas seguintes razões que passaremos a expôr:

a) A situação política que se vivia na altura (antes do 11 de Março), não fazia antever com tanta clareza a via socialista para o proces-



so revolucionário português e consequentemente a viabilidade de profundas alterações no ensino a curto prazo, com a crescente radicalização do processo revolucionário.

b) Não possuíamos na altura uma perspectiva muito clara sobre o papel que os estudantes virão a ter nas profundas alterações que se antevêm para a concretização da R.G.D.E..

c) Nunca definimos com exactidão o conteúdo que viriam a ter as estruturas que propunhamos (comissões de curso) bem como se elas correspondiam a alguma necessidade sentida pela massa estudantil. Se o tivéssemos feito talvez verificássemos a inviabilidade de algumas das propostas que fazíamos.

#### 4 - CARACTERIZAÇÃO DA MASSA ESTUDANTIL

Uma análise tão objectiva quanto possível (baseando-nos nos resultados eleitorais para a A.A.C., e noutras apreciações mais objectivas nomeadamente os inquéritos efectuados pela D.G.) permite-nos dizer que o nº de estudantes que se encontram com o processo revolucionário, considerando uma população estudantil activa de 6.000 estudantes (não contamos com os voluntários) andarão entre os 1.000 e os 1.500 estudantes.

Exceptuando a franja de estudantes declaradamente reaccionários, podemos considerar que todos os outros se mantêm numa situação de apatia política, que se manifesta por um lado na incapacidade para criticarem o processo revolucionário abertamente e por outro nas soluções oportunistas para os problemas pedagógicos, e na incapacidade em se organizarem com vista à participação activa no processo de transformação da Universidade.

A actuação dos esquerdistas neste contexto tem o significado de servirem de elemento catalizador desta franja para posições oportunistas ou manobras anti-comunistas em determinadas situações. Toda a restante actividade dos esquerdistas pelo seu conteúdo e disposições sectárias ficam tanto ou mais isoladas das massas do que nós.

Mesmo nesta situação não devemos ser sectários.

Por vezes é possível empurrar os esquerdistas para posições unitárias o que dá muito mais estabilidade ao M.A. Temos o exemplo da posição do Conselho Directivo de Ciências na concentração depois do 11 de Março e da solidariedade aos povos das ex-colónias em preparação na A.A.C..

A possibilidade de trazer estes estudantes ao processo revolucionário é diminuta. Contribuem para esta situação a sua origem de classe bem como as características de desenvolvimento do M.A. depois do 25 de Abril.

Entretanto o facto de não os podermos deixar resvalar no campo da contra-revolução, bem como o facto de o processo ser essencialmente dinâmico obriga-nos a desenvolver grandes esforços em direcção a estes estudantes.

Há que destacar neste trabalho a impotência duma actividade cultural, desportiva e de convívio bem perspectivada na A.A.C. bem como a ligação do ensino à vida e à prática e a resolução dos problemas pedagó-

gicos quotidianos dos estudantes.

A todos os outros que estão potencial ou activamente com o processo revolucionário a nossa tarefa é organizá-los de modo a participarem nele de forma mais activa e organizada, ganhando-os definitivamente para as grandes tarefas da revolução,

##### 5 - PERSPECTIVAS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO - PAPEL DOS ESTUDANTES

A questão fulcral da democratização do ensino é sem dúvida a do acesso das massas trabalhadoras à cultura e à ciência.

De facto, o acesso da classe operária aos meios de cultura é uma das condições necessárias para que ela, assumindo o poder conjuntamente com os seus aliados, possa mais eficazmente governar e por os recursos nacionais ao serviço de todo o povo.

Não é certamente aos estudantes que caberá definir como se vai processar a alteração da composição social do grupo que eles próprios constituem. A razão disto é precisamente a sua origem de classe. Cabe portanto ao poder político a determinação das linhas mestras que irão presidir à democratização do ensino. Na ausência, porém, de qualquer directiva dele emanada, não podemos como estudantes conscientes da necessidade de fazer avançar o processo revolucionário também no campo do ensino, ficar na expectativa, de braços cruzados.

É característica do ensino nos países socialistas, a ligação da teoria à prática e o contacto com o trabalho físico, como meio de amadurecer politicamente o jovem estudante. Esta é uma perspectiva muito concreta que se abre neste momento ao trabalho de massas. A experiência encetada em Medicina através do Departamento Pedagógico da A.A.C., em conjunto com a Comissão de Gestão, envolve aspectos francamente positivos e encorajadores para experiências semelhantes noutras escolas.

Movimentando largo número de estudantes e professores para trabalho cívico aos fins de semana esta experiência permite pôr em contacto com as realidades concretas da vida das populações, pessoas que até agora viviam fechadas no gheto universitário. Permite, este contacto, enriquecer a sua formação humana e política, a sua visão da realidade social, e devidamente acompanhados através dum trabalho político constante da nossa parte, conquistá-los para uma participação mais activa no processo revolucionário. Permite ainda, através da experiência adquirida, lançar as bases para a futura ligação à prática do ensino em sistema socialista.

Falar das tarefas que se põem neste momento aos estudantes portugueses é diferente de tecer considerações sobre o modo de fazer os estudantes cumprir essas tarefas. Esta última questão será tratada mais adiante.

Assim, pensando exclusivamente em função das necessidades do processo revolucionário, de duas ordens são aquelas tarefas. Um consiste em estudar, de modo a adquirir uma formação profissional compatível com as ne-



cessidades de reconstrução nacional. A outra, em participar activamente na revolução cultural que urge levar a cabo para elevar o nível de conhecimento e modificar a consciência das populações, tornando-as mais aptas e mais receptivas em relação às novas ideias características da sociedade socialista.

## 6 - BREVE ANÁLISE DA ACTUAÇÃO ESQUERDISTA EM RELAÇÃO À DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

A actuação dos esquerdistas caracteriza-se essencialmente pela incompreensão política de fundo que possuem em relação ao processo revolucionário em geral. Partindo de um pressuposto que é falso tomado em termos absolutos, como eles o fazem constroem todo um edifício que, embora coerente, está forçosamente desadaptado da realidade.

Afirmam que o actual poder político é da burguesia e, como tal representa uma ditadura sobre as massas trabalhadoras, deturpando e adaptando mecânicamente à realidade as teses de Marx sobre ditadura da burguesia e ditadura do proletariado. Incapazes de compreender a natureza de um regime que, apesar de contar no governo com forças empenhadas em travar o processo revolucionário, é impulsionada pela aliança Povo-MFA, da qual a segunda componente é marcadamente progressista e um dos factores determinantes das últimas medidas tomadas, claramente anti-monopolistas e anti-latifundistas, insistem em que o ensino corresponde necessariamente à natureza da classe no poder, isto é, a burguesia. Em seguida, tudo se encaixa perfeitamente. Como estudantes "progressistas", os esquerdistas propõe-se lutar contra o ensino da burguesia e levar as massas estudantis, quer através de pequenas acções reivindicativas mais amplas (quase sempre muito pouco amplas), a virarem-se contra os actuais órgãos do poder político, numa atitude claramente contra-revolucionária. Prosseguindo na sua tão tenaz quanto absurda "luta" vão mais longe ao propôr a organização sindical estudantil como uma organização de "resistência", dando-lhe um conteúdo completamente desfazado da realidade, e próprio de situações de opressão semelhantes às vividas sobre o fascismo. Mas estas propostas já foram criticadas acima e não interessa repeti-lo. De facto, a crítica a que foi sujeita a nossa proposta incerta no programa associativo, relativa à organização estudantil, aplica-se quase mecânicamente às propostas esquerdistas na medida em que, embarcando nos erros referidos, nos identificámos com eles.

Destas incompreensões políticas resulta que não há aceitação por parte dos esquerdistas das propostas de trabalho cívico por que, por uma questão de princípio mecânicamente afirmado, este tipo de trabalho vai apenas servir os interesses da dominação política e económica da burguesia. Mais uma vez manifestam uma incompreensão completa e uma falta de confiança na componente popular da revolução, correspondente ao seu poder de mobilização e à sua implantação, ambas reduzidíssimas nas massas trabalhadoras.

É de notar que por vezes os esquerdistas compreendem o alcance do trabalho cívico e chegam até a avançar propostas que, no fim de contas, pecam quase exclusivamente pelo seu profundo sectarismo. A saída organizada, cujo conteúdo não foi definido de modo radicalmente diferente da do serviço cívico, é um exemplo flagrante desse facto.

## 7 - AS NOSSAS TAREFAS

O problema que ficou em aberto mais acima, de encontrar as formas de fazer os estudantes cumprirem as tarefas que o processo revolucionário impõe, é delicado e envolve alguma reflexão.

A composição actual do grupo social estudantil não nos pode dar garantiasnenhumas de que largas massas de estudantes estejam com o processo revolucionário, compreendam as suas necessidades e se disponham a trabalhar para ele. Trata-se, pois, de actuar de forma a tornar possível que o maior número de estudantes seja conquistado para o desempenho das duas ordens de tarefas referidas anteriormente: estudar e participar na revolução cultural.

## A REVOLUÇÃO CULTURAL

Foi apontada mais acima como essencial a necessidade de formar técnicos para a revolução, e a sua concretização como uma das nossas tarefas do momento. É de realçar que, embora hoje em dia a maior parte dos estudantes estejam interessados em tirar o seu curso, o estudo não é encarado sob uma óptica social mas, na maior parte dos casos, de acordo com os interesses egoístas de cada um. O curso é encarado muito simplesmente como um processo de arranjar uma colocação e dinheiro para viver. A nossa acção deve portanto estar virada, quer através da propaganda quer da actividade pessoal de cada um de nós na correcção de vícios de desonestidade de processos, para consciencializar a massa estudantil do novo conteúdo revolucionário que assume a tarefa do estudo.

Foi ainda apontado como objectivo fundamental o tentar levar os estudantes a participar na revolução cultural. Existem, no entanto, dificuldades em fazê-los compreender a necessidade da sua participação, devidas sobretudo a que eles, pela sua origem social, não percebem ou são hostis à argumentação, necessariamente de ordem política, que justifica uma acção daquele tipo.

É possível, no entanto, como aconteceu na Faculdade de Medicina, levar um bom número de estudantes a aderirem ao trabalho cívico. A perspectiva de um contacto directo com as populações, da possibilidade de lhes prestar um auxílio in loco é, apesar de tudo, aliciante para quem não está a priori contra o processo revolucionário ou não tem preconceitos pequeno burgueses sobre o verdadeiro beneficiário daquele trabalho.

Assim, à semelhança do que acontece em Farmácia, que já trabalha em conjunto com Medicina e em que inclusivamente foi aprovada em Plenário a formação de brigadas de trabalho para os fins de semana, é nossa tarefa primordial estender às outras escolas da Universidade iniciativas semelhantes, tentando enquadrar o maior número possível de estudantes, na certeza



de que os que conseguimos conquistar estarão com o processo revolucionário e prestam ao mesmo tempo um serviço inestimável à Nação e ao Povo Português.

Há que, por exemplo na Faculdade de Letras lançar a iniciativa de um curso para alfabetizadores que depois se dedicariam a alfabetizar populações e a dinamizá-las culturalmente. Em Direito é possível, de modo semelhante, realizar um curso de cooperativismo para formar dinamizadores. Em Engenharia é possível lançar iniciativas das mais diversificadas para o apoio técnico às populações, nos vários ramos que são leccionados na Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Existem inúmeras iniciativas cujas perspectivas de concretização são reais. É porém, a todos nós, no nosso sector específico de trabalho, que cabe propô-las e lançá-las. Embora a Direcção Geral tenha funcionado como detonador e catalizador deste processo, a sua função é unicamente a de centralizar no Departamento Pedagógico da A.A.C. a direcção e a coordenação do trabalho a nível geral. A D.G. cabe apenas o papel de direcção política do processo, não podendo ir desencadeá-lo em cada ponto. Cabe a todos os militantes lançarem as iniciativas mais adequadas ao seu sector e enquadrá-las depois no âmbito mais geral e coordenado do Departamento Pedagógico da A.A.C.. São os militantes que devem dinamizar o processo. São eles que, depois de lerem e discutirem este documento, deverão estudar as melhores formas de levar à prática no seu curso a ligação do ensino à vida e ao trabalho cívico.

É necessário, pois, saber analisar em cada momento o sentir da massa estudantil e a sua receptividade a estas propostas e avançar com elas decididamente.

É esta a forma de pormos um grande número de pessoas a participar na Revolução Cultural.

#### TRABALHO NOS CURSOS

O nosso trabalho fundamental no campo do ensino é, de um modo geral, preparar o terreno, na escola, para a aplicação da reforma que dará solução aos problemas e às necessidades da sociedade portuguesa neste domínio. Bem como, é claro, contribuir na medida das nossas possibilidades para a definição do que virá a ser essa reforma.

Para já, porém, impõe-se-nos assegurar o normal funcionamento das escolas, garantir que a massa de estudantes que não tem posição definida quanto ao processo revolucionário não caia na contra-revolução. Assim, proporcionando condições normais de estudo, atingem-se simultaneamente dois objectivos: o de formar técnicos que futuramente serão recrutados para o trabalho inscrito na reconstrução nacional e o de evitar que os estudantes sejam um joguete da reacção.

Assegurar um funcionamento normal passa, porém, por uma atenção constante à vida e aos problemas em todos os sectores. Passa pelo encontrar as propostas mais justas e adequadas para a sua resolução em cada momento.

Passa por, face às propostas dos esquerdistas "sindicalistas" de essência contra-revolucionária, propôr por nossa vez estruturas viradas para a resolução dos problemas estudantis, imediatos e mediatos. Se nos detivermos nos exemplos da Faculdade de Ciências ou de Letras, em que cada unidade ou departamento possui uma comissão pedagógica paritária estável e com atribuições definidas, verificamos que aí a vida escolar decorre sem sobressaltos notáveis e não há lugar para a criação de estruturas estudantis cujas funções não são possíveis de apontar pelos esquerdistas.

Este último aspecto torna-se também claro no caso de Medicina ou Direito, em que as estruturas que os estudantes constituem para a resolução dos seus problemas imediatos são efémeras e têm apenas aquela função específica. Dar estabilidade a estas estruturas, atribui-lhes uma razão de existência para além da edição dos apontamentos ou da marcação da data da frequência contribuirá para o incremento da estabilidade do funcionamento da escola.

### A ASSOCIAÇÃO

Com o desbloqueamento cultural e desportivo que sofreu a nossa sociedade depois do 25 de Abril, e com o fim do sindicalismo estudantil, pelas razões já expostas, coloca-se a questão de saber quais as funções de uma Associação de Estudantes, hoje em plena Revolução Democrática e Nacional!

Se a A.A.C. no futuro será uma casa de cultura dos estudantes onde estes podem satisfazer as suas necessidades, culturais, desportivas e de convívio e a sua D.G. um elemento de ligação e colaboração com as estruturas do poder democrático, hoje a A.A.C. deve ser o embrião da Associação que queremos ter amanhã.

Todos os nossos esforços devem ir no sentido de dotar a A.A.C. de infra-estruturas materiais e de modos de funcionamento que permitam a dinamização cultural e desportiva da massa estudantil em boas condições, ganhando também para os estudantes o direito de através da sua Associação participarem na Direcção da sua Universidade, dos Serviços Sociais, etc.

Colocando num plano superior o papel de educador democrático da juventude, não pode a A.A.C. nesta fase da revolução abster-se totalmente das questões da Democratização do ensino. Não tendo capacidade para intervir na resolução das questões pedagógicas das Faculdades ela pode apesar de tudo e mercê duma situação politicamente favorável que se vive em Coimbra, dar um valioso contributo à dinamização de iniciativas que liguem o ensino à vida e à prática e estimulem a tomada de medidas mais profundas neste domínio por parte do MEC.

São exemplos significativos do que pode ser feito na A.A.C. no campo cultural e de educação política, o curso de cinema do CEC, a Via Latina, os espectáculos apresentados no Gil Vicente, a actividade dos organismos e a quinzena de solidariedade com os povos das ex-colónias a realizar no fim deste mês.



No campo desportivo há que salientar o cross até ao estádio e a participação no Juvendo 75. Neste domínio urge fazer uma rápida redefinição do papel e campos de actuação das desportivas.

No campo da prestação de serviços chamamos a atenção de todos os camaradas para a importância que virão a ter as JORNADAS SOBRE OS SERVIÇOS SOCIAIS a realizar de 3 a 5 de Julho.

Não será demais realçar para terminar, a importância que têm os comunistas na dinamização de todo este processo; a A.A.C. tem potencialidades imensas de trabalho cultural e desportivo; quase tudo o que de positivo se tem feito na A.A.C. tem sido sob a nossa influência.

#### SOBRE A ORGANIZAÇÃO

No plano da organização 4 questões essenciais há que destacar:

I) ALARGAR A TODA A ORGANIZAÇÃO A DISCUSSÃO DAS TAREFAS QUE SE NOS COLOCAM NO PLANO ASSOCIATIVO

II) Fica claro da leitura desta circular as inúmeras tarefas que se nos colocam, e a impossibilidade de as cumprirmos com o número de militantes que dispomos. Se é certo que todo este trabalho nos permitirá alargar a organização, é ainda mais certo que sem alargarmos o campo de recrutamento muitas das tarefas não se realizarão.

#### TRATA-SE POIS DE ALARGAR RÁPIDAMENTE A ORGANIZAÇÃO

III) Disse-se mais acima que esta discussão deve ser alargada a toda a organização.

Teremos também de diversificar os polos de decisão da organização. Sempre que é necessário levar a cabo uma tarefa, avançar com uma proposta, ou fazer um comunicado, não pode ser sempre a D.R. a tomar a iniciativa. Esta deve apenas ter a função de direcção política da organização ao nível da Academia.

Nas Faculdades a direcção cabe aos secretariados de escola, e nos cursos ou departamentos aos organismos respectivos.

O reforço do papel dirigente dos secretariados nas Faculdades é essencial para que se cumpra o nosso papel de vanguarda política nas escolas, e se reforce o nosso poder de intervenção.

IV) No âmbito do trabalho associativo foram criados organismos específicos dentro da organização para as secções culturais, os organismos autónomos e as desportivas, etc., que têm por missão orientar politicamente o trabalho nestes sectores.

Contudo, isto não pode significar que a restante organização se desresponsabilize deste trabalho. A presença de militantes nossos nas direcções das secções e organismos, ou mesmo somente como praticantes é determinante para uma correcta perspectivação do trabalho destas secções.

Por isso reforçamos o apelo a toda a organização para que se inscreva massivamente em todas as secções e organismos da A.A.C. de acordo com as suas preferências pessoais.